

21 FEV 1984

JORNAL DO BRASIL

# Sarney, entre a política e as letras

Arquivo/1983

**T**ODA genuína vocação literária, desviada para o tirocínio absorvente da vida política, acaba por viver a nostalgia das letras, com esta singularidade: o gosto de seu desterro.

Digo isto pensando em muitos amigos. Sobretudo no meu caro conterrâneo José Sarney, poeta na juventude, prosador na maturidade e Senador da República, com a responsabilidade de levar a bom porto a sucessão do Presidente João Figueiredo.

E é nesta hora que José Sarney me manda, numa bela edição da Artenova, uma coletânea de conferências e discursos, **Falas de bem-querer**. Quer isso dizer que, em meio às ondas de maralto, nos entrecosques da luta política, anda o escritor com saudades de si mesmo.

Ao tempo em que se destacava como romancista, Barbey d'Aureville se pôs a fazer também crítica literária, no mesmo estilo solene de seus romances. E justificava-se:

— Eu também lavo a louça com mãos de Cardeal.

Louça? Louça brasonada, da melhor qualidade, a despeito de uma ou outra injustiça, no julgamento dos contemporâneos. A crítica genuína, e superior, como a entendia Paul Souday, é a consciência da literatura, bem diferente do comentário que apenas tem o gosto de negar ou de perseguir, no plano da restrição sistemática.

A verdade é que o escritor verdadeiro, mesmo redigindo um simples relatório, a exemplo do que ocorreu com Graciliano Ramos, é sempre o escritor, com o sentimento da palavra como substância da obra de arte.

Em plena agitação do problema sucessório, o Senador José Sarney, presidente do PDS, publicando um livro de discursos e conferências, faz-nos sentir que tem ainda ao alcance da mão a sua pena de escritor. E essa



Senador José Sarney

pena, louvado seja Deus, tanto serve ao escritor quanto ao político. Disso é prova este novo livro.

José de Alencar, no pequeno livro de reminiscências em que recompôs o itinerário de sua vida de romancista e teatrólogo, teve oportunidade de acentuar: "O único homem novo e quase estranho que surgiu em

mim com a virilidade, foi o político." E explicando o rumo da maturidade: "Eu saía de uma família para quem a política era uma religião, e onde se haviam elaborado grandes acontecimentos de nossa história."

Sem essa justificativa no seu passado, José Sarney teve de moldar por conta própria, ainda cedo, o homem novo que nele despontaria com a maturidade, e que aí está, por trás de seu bigode inconfundível, a dar o famoso nó em pingo de água, nesta difícil conjuntura da vida nacional.

**Falas de bem-querer**, sendo um livro literário, é também um livro político. Abre mesmo com uma página política, **Congresso, base da democracia**, conferência proferida no Instituto dos Advogados, em 1976.

Eu gostaria de acentuar que essa oração, iniciada pelo político, foi concluída pelo escritor, no equilíbrio destas palavras: "A glória legislativa é feita de lampejos, de instantes, de momentos fugidios. Da vaidade de um discurso, de um parecer, de uma emenda, de uma lei, de um documento que, em seguida, é sepultado nos anais. Mas a instituição é sempre um sol. Quando ele se apaga ou sua luz esmaece, a escuridão, ou a penumbra, cai sobre os povos."

O louvor de Afonso Arinos, o moço, que vem logo a seguir, permite a Sarney ser escritor e político, porque este mineiro múltiplo e uno, como observou Aliomar Baleeiro, é também um grande político e um grande escritor. Creio ter encontrado para Afonso a definição exata, num dos reparos de meu **Diário da Manhã**, escrito na fase em que era ele, na tribuna da Câmara dos Deputados, o grande orador e o grande deputado, já com a pena pronta para redigir a lei contra a discriminação racial, em nosso País: "Encontrei no Visconde de Chateaubriand a sugestão que me permite definir Afon-

so Arinos: tribuno aristocrático, deputado democrático." Junto aqui a achega ao perfil traçado por Sarney, porque presumo que ela sintetiza o orador que nos deu a medida patética de sua grandeza, na tribuna da Câmara, na crise política de 1954.

Entre as outras orações de José Sarney, nas **Falas de bem-querer**, eu gostaria de fazer uma referência especial ao perfil de Paulo Brossard, quando este grande homem de letras e este grande parlamentar se despediu do Senado Federal — acentuando a circunstância de ter sido uma oração de improviso, a que só foi preciso dar o retoque das vírgulas e dos parágrafos, no texto taquigrafado.

Mas Sarney, a despeito de sua dimensão nacional, é também, e sobretudo, o homem de sua província — a província que lhe renova os mandatos e lhe inspirou o grande livro em prosa com que conquistou a sua poltrona na Academia Brasileira, **Norte das Águas**.

Ali está o seu discurso de posse na Academia Maranhense, como sucessor do poeta que foi meu companheiro de vida literária, Correia da Silva. Ali está igualmente o louvor de amigo fraterno, Odylo Costa, filho. E o de Aurélio Buarque de Holanda, na homenagem que ao grande dicionarista prestou o Senado Federal. E o discurso de recepção na Academia Brasileira. Tendo por fim, como remate adequado, o louvor do nosso Carlos Castelo Branco, proferido na noite em que o recebeu na Academia.

Diz a sabedoria popular que não se pode servir a dois senhores. De acordo. Mas, pondo de lado a malícia, podemos servir perfeitamente a duas senhoras. Refiro-me à Política e à Literatura. Evidentemente.

JOSUÉ MONTELLO